

Nota Técnica

**Desempenho
produtivo da indústria
brasileira no primeiro
semestre de 2017**

Nº 38

Diset

Diretoria de Estudos e Políticas
Setoriais de Inovação e Infraestrutura

Outubro de 2017

Luiz Dias Bahia



Governo Federal
Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão
Ministro Dyogo Henrique de Oliveira

ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

Fundação pública vinculada ao Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidente

Ernesto Lozardo

Diretor de Desenvolvimento Institucional

Rogério Boueri Miranda

Diretor de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia

Alexandre de Ávila Gomide

Diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas

José Ronaldo de Castro Souza Júnior

Diretor de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais

Alexandre Xavier Ywata de Carvalho

Diretor de Estudos e Políticas Setoriais de Inovação e Infraestrutura, interino

Rogério Boueri Miranda

Diretora de Estudos e Políticas Sociais

Lenita Maria Turchi

Diretor de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais

Sérgio Augusto de Abreu e Lima Florêncio Sobrinho

Assessora-chefe de Imprensa e Comunicação

Regina Alvarez

Ouvidoria: <http://www.ipea.gov.br/ouvidoria>

URL: <http://www.ipea.gov.br>

DESEMPENHO PRODUTIVO DA INDÚSTRIA BRASILEIRA NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2017¹

Luiz Dias Bahia²

1. Introdução

Notamos na Tabela 1 que houve uma concentração de crescimento da Produção Física da Indústria Geral e de Transformação no primeiro trimestre, mas no semestre como um todo tivemos um avanço expressivo.

Tabela 1
Variação Produção Física da Indústria Brasileira (%) em 2017

Setores	TRIM I	TRIM II	SEM I
Indústria Geral	1,93	0,04	1,61
Indústrias de Transformação	1,78	0,44	1,34

TRIM I = variação percentual de Produção Física do primeiro trimestre de 2017 em relação ao último de 2016.

TRIM II = variação percentual de Produção Física do segundo trimestre de 2017 em relação ao primeiro de 2017.

SEM I = variação percentual de Produção Física do primeiro semestre de 2017 em relação ao último de 2016.

Ajuste sazonal feito pelo IBGE

Fonte: PIM-PF do IBGE

Apesar do comportamento de retração generalizada que caracterizou 2015 e 2016 ter sido substituído por expansão, como dissemos, ficam duas indagações principais nesse momento: de que fonte vem essa melhoria produtiva da indústria brasileira; quais setores vêm protagonizando tal melhoria (e em que medida isso parece sustentável).

Esta Nota Técnica é organizada da seguinte maneira: na parte seguinte, apresentamos os indicadores conjunturais de fontes de estímulo (ou desestímulo) à produção industrial, assim como indicadores de evolução de seu emprego; na terceira parte, apresentamos o comportamento produtivo da indústria, organizado por complexos industriais³ e no nível de

¹ Os dados utilizados nesta Nota Técnica foram coletados até 01/09/2017. A coleta dos dados nesta data não altera analiticamente o acompanhamento da conjuntura, por três motivos. Primeiro, o IBGE faz alterações apenas nas margens dos dados. Segundo, sempre que um mês novo é acrescentado à série de índices, o ajuste sazonal altera todos os dados ajustados, e seria impraticável, do ponto de vista de prazo, refazer ajustes sazonais de centenas de índices a cada novo acréscimo. Terceiro, os novos ajustes sazonais não alteram as variações de extensão apropriada à análise; por exemplo: na Tabela 1, SEM I = 1,61% para Indústria Geral e 1,34% para Indústrias de Transformação – considerando os dados até agosto de 2017, esses valores são 1,65% e 1,35%, respectivamente, uma diferença apenas na segunda casa decimal de uma porcentagem.

² Técnico de Planejamento e Pesquisa na Diset do Ipea.

³ A definição teórica de complexos industriais poderá ser encontrada em: HAGUENAUER et al. **Evolução das Cadeias Produtivas Brasileiras na década de 90**. Brasília: Ipea, 2001. (Texto para Discussão n. 786)

detalhamento setorial máximo permitido pelos dados; na quarta parte, concluímos a análise aqui feita.

2. O Contexto da produção industrial

2.1 Indicadores macroeconômicos das Contas Nacionais

Na Tabela 2 abaixo, apresentamos a evolução do PIB trimestral em 2017, assim como o Valor Agregado (VA) () da Indústria de transformação, e seus determinantes pelo lado da Demanda Agregada.

Tabela 2
Indicadores macroeconômicos Gerais
Brasil - 2017

Trimestre	PIB	VA-IND TRANSF	CONS FAM	CONS GOV	FBCF	EXP	IMP
TRIM I	1,02	1,06	-0,02	-0,74	-0,33	5,23	0,57
TRIM II	0,25	0,11	1,36	-0,91	-0,74	0,43	-3,5

TRIM I = Variação do primeiro trimestre em relação ao anterior PIB = Produto Interno Bruto. VA-IND TRANSF = Valor Agregado da Indústria de Transformação. CONS FAM = Consumo das Famílias. CONS GOV = Consumo do Governo. FBCF = Formação Bruta de Capital Fixo. EXP = Exportação. IMP = Importação.
TRIM II = Variação do segundo trimestre em relação ao anterior.
Ajuste sazonal feito pelo IBGE.
Fonte: Contas Nacionais Trimestrais do IBGE – segundo trimestre de 2017.

Notamos na Tabela 2, que, como já havíamos assinalado, as exportações foram os únicos estimulantes de atividade no primeiro trimestre de 2017. No segundo trimestre, tal quadro se altera: as exportações continuam como fonte de estímulo produtivo, mas o consumo das famílias se torna de longe o principal estímulo. Deve-se considerar que no primeiro trimestre as exportações foram muito influenciadas pela agricultura, estímulo que sazonalmente se reduziu no segundo trimestre. Entretanto, o avanço do consumo das famílias é impressionante (passa de uma variação negativa, para outra positiva e dominante na Demanda Agregada).

2.2 O Comportamento do Varejo

Na Tabela 3, apresentamos o comportamento do Volume de Vendas do varejo brasileiro nos dois primeiros trimestres de 2017.

Nota-se imediatamente que o volume de vendas no varejo passou de uma variação negativa no primeiro trimestre, para outra positiva no segundo. Observando a evolução mensal do segundo trimestre, vemos que há uma tendência bastante consistente de crescimento de volume de vendas: dos três meses, dois apresentaram crescimento, entretanto, naquele em que houve retração, esta foi muito leve.

Os setores que apresentaram maior retração no segundo trimestre foram hipermercados e supermercados, além de livros e revistas. No primeiro caso, a retração se deve a uma desaceleração progressiva de vendas ao longo do trimestre. No segundo caso, a retração ocorre de maneira expressiva em dois dos três meses do segundo trimestre.

TABELA 3
Variação do Volume de Vendas do Varejo – 2017 (%)

Segmentos	TRIM I	TRIM II	ABR	MAI	JUN
Total	-2,04	1,69	1,42	-0,23	2,46
Combustíveis e lubrificantes	-1,35	1,40	-0,71	1,07	1,18
Hipermercados e supermercados	-1,98	-1,87	2,28	0,64	-0,11
Tecidos, vestuário e calçados	-0,97	-0,04	4,14	-8,49	5,41
Móveis e eletrodomésticos	1,32	4,87	-1,58	1,85	2,18
Artigos farmacêuticos, de perf. e cosméticos	0,07	0,89	-0,20	0,79	1,47
Livros, jornais, revistas e papelaria	0,09	-3,14	-4,62	-4,98	4,53
Equip. para esc., informática e comunicação	1,67	8,87	8,70	0,00	-2,56
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	2,44	2,50	0,45	0,45	2,68
Veículos, motos, partes e peças	-0,10	2,89	-0,29	2,02	3,82
Materiais de construção	-0,21	0,02	-1,61	2,10	1,03

TRIM I = variação percentual de Volume de Vendas do primeiro trimestre de 2017 em relação ao último de 2016.

TRIM II = variação percentual de Volume de Vendas do segundo trimestre de 2017 em relação ao primeiro de 2017.

ABR = variação percentual de Volume de Vendas de abril de 2017 em relação a março de 2017.

MAI = variação percentual de Volume de Vendas de maio de 2017 em relação a abril de 2017.

JUN = variação percentual de Volume de Vendas de junho de 2017 em relação a maio de 2017.

Ajuste sazonal feito pelo IBGE

Fonte: PMC do IBGE

Os crescimentos de vendas se concentram em móveis e eletrodomésticos, equipamentos de informática, e veículos. Esse comportamento é bastante alentador, uma vez que são bens duráveis, geralmente mais caros e muitas vezes financiados, o que sugere uma melhoria patrimonial das famílias, aceitas pelo Sistema Financeiro.

2.3 O comportamento do comércio exterior ligado à indústria brasileira

Na Tabela 4, apresentamos o comportamento de importações e exportações mais ligadas à indústria brasileira, em quantidades (o efeito de preços foi eliminado).

Notamos na Tabela abaixo que as exportações agropecuárias se reduziram significativamente, por efeitos sazonais, como já esperado. A notícia pouco agradável foi a estagnação de exportação de alimentos e a manutenção do crescimento de sua importação.

A indústria de transformação⁴, que no primeiro trimestre teve quase todos seus setores com crescimento expressivo de exportações, no segundo semestre teve comportamento contrário: quase todos os setores contraíram as exportações, à exceção de eletrônicos, máquinas elétricas e máquinas e equipamentos, produtos de metal, têxteis e veículos automotores. Esse comportamento apresenta um aspecto negativo e outro positivo: o negativo se refere evidentemente que num momento delicado poderemos contar menos com a Demanda Externa para recuperar a indústria; o positivo é que os setores industriais em crescimento são em sua maioria da metalomecânica, onde estava o cerne da retração de 2015 e 2016 (apesar da retração

⁴ Na Tabela 4, estão os principais setores da Indústria de Transformação disponíveis na Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (FUNCEX). Os pesos entre os setores da FUNCEX e os da Indústria de Transformação no IBGE não existem, porque são instituições diferentes, com metodologias diferentes, trabalhando separadamente. O que se faz aqui é apenas uma apreensão qualitativa, uma vez que os dados da FUNCEX se baseiam em dados da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX) do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), as melhores disponíveis e o IBGE não trabalha tais dados em índices de quantidade como a FUNCEX.

ter atingido todos os complexos industriais), e onde as relações interindustriais apresentam maior poder de disseminar alguma recuperação a partir de sua mesma.

Tabela 4
Comércio Exterior Brasileiro
Variações de Exportação e Importação (%) em 2017

Setores	TRIM I		TRIM II	
	EXP	IMP	EXP	IMP
Agropecuária	52,25	-21,72	7,56	-6,99
Alimentos	13,33	4,26	-0,14	3,64
Bebidas	15,28	-4,33	-10,57	28,29
Borracha e Plástico	10,27	3,33	-2,32	0,44
Celulose e Papel	6,03	-12,19	-2,63	15,59
Couro e Calçados	2,16	0,42	-1,83	13,95
Derivados de Petróleo	34,66	30,06	-16,61	-14,08
Eletrônicos	1,46	-1,77	2,11	2,85
Fármacos	10,30	6,08	-15,61	-8,77
Outros Equip. de Transporte	-15,88	-11,99	-3,29	-53,59
Máquinas Elétricas	-6,31	6,38	4,05	-4,93
Máquinas e Equipamentos	11,57	-4,73	6,56	-15,21
Metalurgia	10,20	-	-19,30	-
Produtos de Minerais não Metálicos	11,71	1,58	-7,46	6,29
Produtos de Metal	8,87	-	2,72	-
Químicos	6,20	13,42	-4,77	-7,07
Têxteis	-16,02	1,52	17,64	7,27
Veículos Automotores	18,11	-1,39	4,71	-8,64
Vestuário	17,35	20,43	-0,67	14,94

TRIM I = variação percentual de quantidade (exportado ou importada) do primeiro trimestre de 2017 em relação ao último de 2016.
TRIM II = variação percentual de quantidade (exportado ou importada) do segundo trimestre de 2017 em relação ao primeiro de 2017.
Ajuste sazonal feito pelo Eviews 7
Fonte: FUNCEX via IPEADATA

2.4 Aspectos sucintos do emprego na indústria brasileira.

Na Tabela 5 abaixo, apresentamos a evolução sintética do emprego na Indústria Geral e na de Construção.

Tabela 5
Variação Trimestral do Emprego na Indústria Brasileira (%) em 2017

Setores	TRIM III	TRIM IV	TRIM I	TRIM II
Indústria Geral	-1,47	-0,77	0,83	2,24
Indústria da Construção	-3,12	-5,17	-1,56	0,38

TRIM III = variação percentual do Emprego do terceiro trimestre de 2016 em relação ao segundo de 2016.
TRIM IV = variação percentual do Emprego do quarto trimestre de 2016 em relação ao terceiro de 2016.
TRIM I = variação percentual do Emprego do primeiro trimestre de 2017 em relação ao último de 2016.
TRIM II = variação percentual do Emprego no segundo trimestre de 2017 em relação ao primeiro de 2017.
Ajuste sazonal feito no Eviews 7
Fonte: PNAD Contínua do IBGE

Por um lado, nota-se claramente que as variações negativas de emprego vieram desde 2016 se arrefecendo, até atingir valores positivos no segundo trimestre de 2017. Por outro lado, o crescimento do emprego mais significativo é na Indústria Geral, e bem menos na Construção. O que se pode dizer, nesse momento, é que uma tendência de melhoria do emprego, que já vem se mantendo há mais de um ano.

3. Comportamento produtivo segundo Complexos Industriais

3.1 Complexo Metalomecânico

Na Tabela 6 abaixo, apresentamos o comportamento produtivo do complexo metalomecânico em 2017.

Tabela 6
Complexo Metalomecânico
Varição de Produção Física (%) em 2017

Setores	TRIM I*	TRIM II*	ABR**	MAI**	JUN**
Produção de ferro-gusa e de ferroligas	-0,80	2,08	1,97	1,21	-0,34
Siderurgia	4,57	0,10	0,18	-0,92	-0,06
Produção de tubos de aço, exceto tubos sem costura	-2,60	-8,47	-11,00	6,90	2,85
Metalurgia dos metais não-ferrosos	-6,34	4,65	0,55	9,15	-6,21
Fundição	2,74	4,22	-5,15	17,98	-3,98
Fabricação de estruturas metálicas e obras de caldeiraria pesada	-1,39	1,64	-7,51	20,89	-4,83
Fabricação de tanques, reservatórios metálicos e caldeiras	7,70	-1,31	-1,55	6,19	-3,37
Forjaria, estamparia, metalurgia do pó e serviços de tratamento de metais	8,24	2,29	-8,34	6,68	-1,34
Fabricação de artigos de cutelaria, de serralheria e ferramentas	9,05	-4,14	-10,67	10,59	-6,26
Fabricação de equipamento bélico	4,32	-2,35	-9,04	5,31	-1,79
Fabricação de embalagens metálicas	0,09	-5,12	-4,22	-4,86	2,76
Fabricação de produtos de trefilados de metal	9,24	-1,73	-6,90	6,87	-1,75
Fabricação de componentes eletrônicos	21,71	-0,08	-4,22	4,39	1,76
Fabricação de equipamentos de informática e periféricos	-0,83	1,82	-10,44	10,82	-3,62
Fabricação de equipamentos de comunicação	6,20	5,66	-1,70	22,16	-10,27
Fabricação de aparelhos de áudio e vídeo	-5,21	2,27	-2,74	13,06	-4,37
Fabricação de aparelhos de medida, teste e controle; cronômetros e relógios	4,56	7,42	-0,29	-1,56	4,44
Fabricação de geradores, transformadores e motores elétricos	4,92	-3,29	-18,21	10,08	0,46
Fabricação de pilhas, baterias e acumuladores elétricos	13,31	9,25	-8,64	21,53	-0,24
Fabricação de equipamentos para distribuição e controle de energia elétrica	1,47	1,22	-16,27	25,60	-5,91
Fabricação de lâmpadas e outros equipamentos de iluminação	-7,75	-19,73	-19,74	8,32	1,93
Fabricação de eletrodomésticos	4,49	2,78	-6,79	7,23	3,63
Fabricação de fogões, refrigeradores e máquinas de lavar e secar	4,88	8,70	-6,84	7,10	18,66
Fabricação de aparelhos eletrodomésticos não especificados anteriormente	-0,65	0,35	-5,69	4,51	-5,19
Fabricação de equip. elétricos não especificados antes	12,09	2,10	-10,40	30,47	-12,86
Fabricação de motores, bombas, compressores e equipamentos de transmissão	6,51	6,96	-1,54	9,94	-0,54
Fabricação de máquinas e equipamentos de uso geral	3,48	1,38	-4,66	7,40	1,55
Fabricação de tratores e de máq. e equip. para a agropecuária	-10,11	8,35	-8,07	7,37	6,14
Fabricação de máquinas-ferramenta	-2,13	-0,51	-3,60	2,36	-3,71
Fabricação de máq. e equip. de uso na extração mineral e na construção	-8,43	30,03	6,06	25,75	1,76
Fabricação de máq. e equip. de uso industrial específico	-1,82	-0,66	-5,07	-4,33	14,23
Fabricação de automóveis, camionetas e utilitários	5,62	1,32	-13,57	30,04	-5,36
Fabricação de caminhões e ônibus	-3,47	23,74	-2,04	30,59	-6,46
Fabricação de cabines, carrocerias e reboques para veículos automotores	3,32	24,40	2,70	5,90	-2,77
Fabricação de peças e acessórios para veículos automotores	1,64	-1,07	-8,78	11,74	-6,07
Fabricação de instrumentos para uso médico, odontológico e óptico	-0,20	8,41	-6,07	13,37	-1,38

*Variação de Produção Física do primeiro trimestre (TRIM I) ou do segundo trimestre (TRIM II) em relação ao anterior. ** Variação de Produção Física do mês assinalado em relação ao mês anterior.

Ajuste sazonal feito no EVIEWS 7 .Fonte: PIM-PF do IBGE

Como já dissemos, o complexo metalomecânico⁵ foi o que sofreu as maiores retrações setoriais em 2015 e 2016, constituindo-se por isso, e por ter uma poderosa capacidade de interação

⁵ Todos os dados dessa seção estão disponíveis no IBGE sem ajuste sazonal, caso o leitor se interesse. Não os reportaremos aqui porque ultrapassaria o limite de páginas estabelecido pelo Ipea para Notas Técnicas.

intersectorial⁶, além de ser o maior complexo brasileiro – enfim, por tudo isso ele protagonizou o centro das recessões dos últimos dois anos, e agora protagoniza a principal reação positiva a elas. Isso pode ser visto claramente na Tabela 6: no primeiro trimestre, de 36 de setores do complexo metalomecânico, 21 setores apresentaram expansão da produção; no segundo trimestre, 22 setores tiveram aumento de produção. Nota-se patentemente que o complexo vem se recuperando como um todo, apesar de ainda em dimensões às vezes tímidas, setorialmente.

Quanto à evolução mensal no segundo trimestre, pode-se afirmar que há uma mescla de expansões mensais pontuais, e outras mais consistentes (expansões de dois ou, em alguns casos, três meses).

Poderíamos afirmar que o complexo metalomecânico como um todo parece avançar para manter um saldo positivo de crescimento produtivo como um todo em 2017. Seus vetores de estímulo foram inicialmente as exportações, essas se mantiveram no segundo trimestre, mas a demanda interna foi o principal estímulo no segundo trimestre.

3.2 Complexo Químico

Na Tabela 7, apresentamos o desempenho produtivo do complexo químico em 2017.

O complexo químico apresenta uma realidade setorial menos positiva que a do metalomecânico: de um total de 22 setores, no primeiro trimestre 13 avançam produtivamente, enquanto que, no segundo trimestre, apenas nove avançam produtivamente.

No segundo trimestre, entretanto, os avanços produtivos apresentam maior magnitude absoluta que no primeiro trimestre. Preocupam a retração da primeira e da segunda gerações petroquímicas, assim como a de derivados de petróleo. Talvez, essa seja uma indicação de que o avanço produtivo da indústria ainda é pouco contínuo, e que os fabricantes de insumos estão avessos ao risco de acumular estoques indesejados no curto prazo. Outra explicação possível para o comportamento do segundo trimestre é a retração generalizada (borracha e plástico, químicos, fármacos e derivados de petróleo) das exportações do complexo químico nesse período.

Observando mensalmente o segundo trimestre, notamos que a grande maioria dos avanços produtivos é descontínua, indicando ainda um estado ainda intermediário entre a retração generalizada e a recuperação em conjunto.

⁶ Na Matriz Insumo-Produto do IBGE de 2005, os “multiplicadores para trás” (*backward linkages*) totais de cada complexo são os seguintes: Agroindústria (10,33); Construção Civil (12,00); Química (21,11); Têxtil (6,28) e Metalomecânica (27,44). Portanto, o complexo metalomecânico é o de maior efeito de encadeamento para trás de todos.

Tabela 7
Complexo Químico
Varição de Produção Física (%) em 2017

Setores	TRIM I*	TRIM II*	ABR**	MAI**	JUN**
Fabricação de produtos derivados do petróleo	0,31	-2,60	1,90	-3,30	-3,95
Fabricação de biocombustíveis	1,87	8,69	-3,86	6,14	6,20
Fabricação de produtos químicos inorgânicos	-2,21	-5,14	-7,25	2,67	-0,72
Fabricação de cloro e álcalis	-6,19	-3,21	0,19	-1,03	-3,91
Fabricação de intermediários para fertilizantes	-6,51	-5,14	-7,25	-9,39	2,15
Fabricação de adubos e fertilizantes	-2,29	-11,68	-19,63	21,91	0,55
Fabricação de gases industriais	4,37	0,58	-6,93	1,78	-4,29
Fabricação de produtos químicos orgânicos	4,20	-2,26	-2,12	-2,59	-2,85
Fabricação de resinas e elastômeros e de fibras artificiais e sintéticas	3,85	-1,65	-1,10	3,12	-6,09
Fabricação de defensivos agrícolas e desinfestantes domissanitários	-4,17	2,03	-3,26	2,24	7,05
Fabricação de produtos de limpeza, de perfumaria e de higiene pessoal	0,02	6,49	-0,74	7,03	0,90
Fabricação de sabões e detergentes sintéticos	0,75	6,91	-0,94	11,16	-5,35
Fabricação de produtos de limpeza e polimento	3,85	-1,65	-1,10	3,12	-6,09
Fabricação de cosméticos, produtos de perfumaria e de higiene pessoal	-0,44	5,33	-0,05	5,10	4,96
Fabricação de tintas, vernizes, esmaltes, lacas e produtos afins	-1,66	-3,10	-9,85	9,44	1,65
Fabricação de produtos e preparados químicos diversos	4,98	-2,65	-8,81	13,44	-8,66
Fabricação de produtos de borracha	1,57	5,76	-4,06	10,67	0,75
Fabricação de pneumáticos e de câmaras-de-ar	1,31	8,86	-2,94	9,98	3,58
Fabricação de produtos de material plástico	1,99	-0,83	-5,60	6,02	0,76
Fabricação de laminados planos e tubulares de material plástico	-0,97	3,18	0,18	4,33	-1,23
Fabricação de embalagens de material plástico	3,01	-0,11	-3,62	4,13	-0,78
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	11,68	-4,32	7,80	-7,24	-9,22

Observações idênticas às da Tabela 6. Fonte: PIM-PF do IBGE.

3.3 Complexo Agroindústria

Na Tabela 8 abaixo, apresentamos o comportamento produtivo do complexo agroindústria em 2017.

Dos 25 setores do complexo agroindústria, 15 apresentaram expansão produtiva no primeiro trimestre de 2017 e 9 no segundo. A queda, em boa parte se deve à queda das exportações. O mercado interno também curiosamente teve retração, como mostra o volume de vendas em hipermercados e supermercados na Tabela 3. Finalmente, deve-se considerar a sazonalidade de boa parte de seus produtos que ficam estocados, esperando o momento de processamento.

Os produtos mais ligados à alimentação populacional mantiveram crescimento produtivo no segundo trimestre.

Se persistente até o final do ano, temos um curioso movimento nesse complexo: o consumidor brasileiro diminuindo gastos com alimentação e aumentando em bens duráveis. De qualquer maneira, esse é o complexo mais ligado à demanda externa.

Tabela 8
Complexo Agroindústria
Varição de Produção Física (%) em 2017

SETORES	TRIM I*	TRIM II*	ABR**	MAI**	JUN**
Abate e fabricação de produtos de carne	4,52	-4,36	-13,01	13,37	-0,95
Abate de reses, exceto suínos	7,58	-6,83	-21,96	21,32	-0,37
Abate de suínos, aves e outros pequenos animais	3,05	-3,86	-9,14	8,06	-1,74
Fabricação de produtos de carne	6,52	-0,74	-17,32	16,61	-6,34
Fabricação de conservas de frutas, legumes e outros vegetais	9,98	24,41	-31,67	22,31	17,89
Fabricação de óleos e gorduras vegetais e animais	10,38	-6,86	-4,90	-0,57	1,84
Fabricação de óleos vegetais em bruto, exceto óleo de milho	11,36	-7,36	-3,95	-0,56	1,90
Fabricação de óleos vegetais refinados, exceto óleo de milho	21,16	-17,24	-7,52	-2,97	0,18
Fabricação de gorduras vegetais e de óleos de animais	3,02	-5,27	-11,84	1,16	2,92
Laticínios	-0,21	-2,43	-3,74	2,18	-1,64
Moagem, fabricação de produtos amiláceos e de alim. para animais	-1,29	1,42	-5,07	6,77	-1,40
Beneficiamento de arroz e fabricação de produtos do arroz	0,79	3,97	-6,07	10,37	-0,89
Moagem de trigo e fabricação de derivados	-7,00	3,79	-3,09	5,53	0,14
Fabricação e refino de açúcar	-29,83	65,09	53,28	4,48	11,10
Torrefação e moagem de café	-2,25	1,32	-13,62	10,10	3,37
Fabricação de produtos do pescado e de outros produtos alimentícios	-3,01	-1,83	-5,84	10,12	0,34
Fabricação de bebidas alcoólicas	5,61	-4,30	-13,88	9,61	1,86
Fabricação de bebidas não-alcoólicas	-2,30	2,45	2,43	4,88	-3,50
Fabricação de celulose e outras pastas para a fabricação de papel	-1,70	7,21	5,62	1,26	-0,92
Fabricação de papel, cartolina e papel-cartão	1,55	-2,66	-4,43	1,64	-1,56
Fabricação de embalagens de papel	1,58	-0,25	-6,00	6,37	0,27
Fabricação de produtos diversos de papel	-2,08	7,28	3,90	2,79	-0,33
Atividade de impressão	31,87	-47,84	-40,69	65,63	-33,71
Reprodução de materiais gravados em qualquer suporte	4,20	-2,26	-2,12	-2,59	-2,85

Observações idênticas às da Tabela 6. Fonte: PIM-PF do IBGE.

3.4 Complexo Têxtil

Na Tabela 9 abaixo apresentamos o comportamento produtivo do complexo têxtil.

Tabela 9
Complexo Têxtil
Varição de Produção Física (%) em 2017

Setores	TRIM I*	TRIM II*	ABR**	MAI**	JUN**
Preparação e fiação de fibras têxteis	9,11	2,67	-4,00	7,41	2,21
Tecelagem, exceto malha	3,11	-0,60	-9,40	12,97	-1,87
Fabricação de tecidos de malha	-1,11	2,94	-2,19	5,42	-1,39
Fabricação de artefatos têxteis, exceto vestuário	0,55	3,65	-0,81	4,47	-0,22
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	1,04	-4,42	-10,02	10,13	-5,30
Fabricação de artigos de malharia e tricotagem	-7,55	2,42	-8,63	14,32	-1,19
Curtimento e outras preparações de couro	-4,16	-1,61	-9,60	18,41	-16,68
Fab. de calçados e de partes para calçados de qualquer material	4,18	3,28	-6,57	11,97	-2,71
Fabricação de móveis	1,22	0,64	-3,19	9,61	-1,07

Observações idênticas às da Tabela 6. Fonte: PIM-PF do IBGE.

O complexo têxtil apresentou no primeiro e no segundo trimestre de 2017 o mesmo número de setores com crescimento produtivo, apesar de ter havido alguma alternância entre os que avançaram e os que se retraíram.

As exportações de têxteis subiram no segundo trimestre, depois de caírem no primeiro. Com as exportações de vestuário ocorreu exatamente o contrário, apesar da retração do segundo trimestre ter sido bastante leve. Dessa maneira, o complexo parece ter compensado a alternância exportadora, mantendo-se com produção semelhante, apesar de diversa setorialmente.

Deve-se enfatizar que a quase estagnação do volume de vendas interno, vista na Tabela 3, e o leve recuo das exportações no segundo trimestre parecem não ter atingido o setor de calçados, que teve expansão produtiva tanto no primeiro quanto no segundo trimestres.

No acompanhamento mensal do segundo trimestre, todos os setores se expandiram produtivamente apenas em maio, configurando extrema descontinuidade de crescimento, donde se conclui que sua expansão como um todo ainda não iniciou.

3.5 Complexo Construção Civil

Na Tabela 10 abaixo, apresentamos o comportamento produtivo do complexo construção civil.

Tabela 10
Complexo Construção Civil
Variação de Produção Física (%) em 2017

Setores	TRIM I*	TRIM II*	ABR**	MAI**	JUN**
Fabricação de tubos e acessórios de material plástico para uso na construção	-4,27	-13,68	-23,56	13,00	14,54
Fabricação de vidro e de produtos do vidro	4,83	-0,03	-1,71	-1,53	-0,28
Fabricação de vidro plano e de segurança	4,10	-1,45	-0,55	-5,24	-1,78
Fabricação de cimento	6,70	1,97	-0,06	1,13	2,28
Fabricação de artefatos de concreto, cimento, fibrocimento	-2,31	-3,93	-7,12	8,04	-6,00
Fabricação de produtos cerâmicos	-2,31	-3,93	-7,12	8,04	-6,00
Aparelhamento de pedras e fabricação de outros produtos de minerais não-metálicos	3,17	1,11	-2,39	2,29	-0,22

Observações idênticas às da Tabela 6. Fonte: PIM-PF do IBGE.

O complexo construção é aquele em situação produtiva mais precária entre todos. Se no primeiro trimestre apresentou quatro setores com expansão significativa, no segundo trimestre apenas dois setores expandiram levemente.

Observando o volume de vendas de materiais de construção no varejo, pela Tabela 3, aquele permaneceu, na prática, estagnado em vendas nos dois trimestres. Na Tabela 10, o acompanhamento mensal, entretanto, revela também predomínio de retrações no segundo trimestre e avanços descontínuos, quando ocorrem.

Esse desempenho do complexo construção é compreensível: por um lado, as obras públicas estão extremamente reduzidas; por outro lado, as construções residenciais devem ser pouco atrativas em momentos de escassez creditícia, desemprego (ou risco de ficar desempregado) e mesmo restrições orçamentárias familiares muito acentuadas.

4. Conclusão

Ao longo desta Nota Técnica observamos que a indústria brasileira vem reagindo positivamente aos dois anos passados de forte retração, mas ainda timidamente e de maneira pouco homogênea em seus setores e complexos.

A demanda externa industrial infelizmente arrefeceu, ou até retraiu em alguns setores, no segundo trimestre em relação ao primeiro de 2017. Esse movimento levanta cautela, pois a demanda externa na atual conjuntura é bastante importante, e a manutenção de seu crescimento junto à difusão para o maior número de setores possível ajudaria a indústria brasileira a melhorar seu desempenho produtivo.

A demanda interna aqueceu, principalmente nos bens de consumo duráveis (ver na Tabela 3 o crescimento em 2017 no segundo trimestre de *móveis e eletrodomésticos, equipamento para escritório, informática e comunicação e veículos, motos, partes e peças*), o que esperamos também que continue em crescimento, pois o atual ainda é tímido para sustentar taxas de crescimento da indústria mais gerais, em termos setoriais, e mais fortes, em magnitude produtiva.

De qualquer maneira, fica mais consistente a expectativa de que a indústria brasileira terá um ano de 2017 mais benigno que 2015 e 2016, com o fim da retração generalizada e um crescimento não sensacional, mas alentador.

Missão do Ipea

Aprimorar as políticas públicas essenciais ao desenvolvimento brasileiro por meio da produção e disseminação de conhecimentos e da assessoria ao Estado nas suas decisões estratégicas

ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

MINISTÉRIO DO
**PLANEJAMENTO,
DESENVOLVIMENTO E GESTÃO**

